



Global



UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Sindicalismo Cidadão, Ético e Inovador

Boletim de Informações Sindicais

Ano 6 n.º 114 05 de maio de 2013

Primeiro de Maio da UGT

Mais de 1,1 milhão de trabalhadores e trabalhadoras compareceram, na Praça Campo de Bagatelle, em São Paulo, ao ato unificado em homenagem ao dia 1º de Maio. O ato promovido pela **União Geral dos Trabalhadores (UGT)**, juntamente com a Força Sindical, CTB e Nova Central foi um momento de festa, mas também reflexão sobre as conquistas da classe trabalhadora.



Em seu discurso, o **presidente da UGT Ricardo Patah** parabenizou as mulheres, ressaltou a importância da data e a unidade das centrais para a luta da classe trabalhadora. "A unidade das centrais sindicais novamente proporcionou este grandioso evento e mostra a força da união de entidades comprometidas com a luta da classe trabalhadora".

Um dos temas muito discutidos durante o ato político foi em relação ao aumento da inflação e as suas consequências para a classe trabalhadora. Segundo o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, é possível que já nos próximos indicadores, o percentual inflacionário tenha uma leve baixa, mas independente dos apontadores, a classe trabalhadora continuará a obter ganhos reais acima da inflação.

Para o **deputado federal e vice-presidente da UGT Roberto Santiago**, é preciso ficar atento com os índices que a inflação vem atingindo, mas não é uma questão que possa ser considerada assustadora. "A inflação que ai está não me assusta, porque a inflação do tomate foi uma especulação que já acabou (foi uma sacanagem). Creio que estão utilizando politicamente essa situação econômica para fins políticos eleitorais".

Para Roberto Santiago, a classe trabalhadora não pode ficar refém dos especuladores que ganham com a inflação. O deputado assegurou no Congresso o projeto que regulamenta o trabalho terceirizado no País. "O que esta ai é dado ao trabalhador", disse.

"É uma data comemorativa e histórica, que mostra nacionalmente a unidade das centrais sindicais e que somente unidos alcançaremos nossos objetivos" ressaltou **Avelino Garcia, 2º Secretário Geral Adjunto da UGT**.

A mais importante conquista da classe trabalhadora completa 70 anos em 2013. A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) foi lembrada como sendo fundamental para a vida de todos brasileiros e brasileiras e, ressaltado que nenhuma central, jamais, aceitará que qualquer direito trabalhista seja flexibilizado.

"2013 é o ano da classe trabalhadora e nós da UGT não aceitamos, nem aceitaremos, em hipótese alguma, que os direitos trabalhistas sejam flexibilizados ou que haja algum tipo de perda. Na CLT não pode haver retrocessos, pois ela foi um marco para a classe trabalhadora e a partir dela só será possível avançar nas conquistas trabalhistas ", explica Ricardo Patah.

Perdemos José Ibrahim

Hoje é um dia muito triste para a classe trabalhadora e para todos aqueles que batalharam pela democratização do nosso país.

Perdemos o nosso companheiro e secretário de Formação Política da UGT, José Ibrahim, cuja biografia se confunde com a história de um movimento sindical marcado pela luta intransigente na defesa dos trabalhadores.

Foi ele, que com apenas 20 anos, enfrentou o regime militar e promoveu no ano de 1968 a histórica greve de Osasco, quando ocupava a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos daquela cidade. Por conta de sua incessante atividade em defesa da classe operária foi preso, torturado, banido, exilado. Mas em momento algum, abriu mão dos seus ideais na luta por uma sociedade mais justa.



Adeus Zé Ibrahim... já estamos sentindo sua falta.

Ricardo Patah, presidente nacional da UGT

Uma vida de lutas

Em 1968, como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região, **José Ibrahim** organizou e participou da tomada do palanque nas comemorações oficiais do Primeiro de Maio – o palanque foi tomado, o governador Abreu Sodré expulso e os trabalhadores fizeram sua manifestação.



Era o início da luta contra a política de "arrocho salarial". As greves eram proibidas, e os trabalhadores não tinham como reagir à corrosão salarial provocada pela inflação. A ditadura provocava uma brutal concentração de renda.

Logo em seguida, em 16 de julho de 1968, **Ibrahim** liderou a Greve de Osasco, uma grande greve nas metalúrgicas da região com ocupação das fábricas. A cidade foi tomada pela polícia.

Destituído do cargo e demitido da Cobrasma, onde começou a trabalhar aos 14 anos, **Ibrahim** começou a participar da luta armada contra a ditadura, sendo preso no ano seguinte.

"Fui muito torturado, como era praxe naquela época. Ainda mais que, além do negócio da greve, das ocupações de fábrica, eles me prenderam dentro da estrutura da VPR uma organização que estava fazendo ação armada. Fui torturado, vários dias", disse José Ibrahim, em entrevista a uma edição especial preparada pelo sindicato em 2008.

Ele foi um dos 15 presos cuja liberdade foi pedida em troca do embaixador Charles Elbrick dos Estados Unidos, sequestrado em setembro de 1969.

"Definimos que o caminho contra a ditadura era a retomada da democracia, passando pela retomada do nosso sindicato (de Metalúrgicos de Osasco). Nesta perspectiva, conseguimos organizar a primeira comissão de fábrica que existiu nesse País – a da Cobrasma", afirmou Ibrahim em **Hercules 56**, documentário de Silvio Darin sobre o sequestro.

A comissão de fábrica da Cobrasma foi o modelo para a organização das lutas nas fábricas nos anos seguintes, seja em Osasco, em São Paulo, no ABC. Ciente disso, o jornalista Paulo Nogueira chamou **Ibrahim** do **homem que permitiu que houvesse Lula**.

Uma justa homenagem a um grande brasileiro.

O lado oculto da indústria da moda

O desabamento de um prédio de três andares onde funcionava uma fábrica de tecidos em Bangladesh revelou não só o amplo descumprimento com normas básicas de segurança no país, mas também o lado obscuro da indústria de roupas internacional.

Na tragédia, que ocorreu na capital Dhaka na semana passada, morreram pelo menos 377 pessoas. Mas não foi novidade.

Há menos de seis meses, no mesmo local, um incêndio reduziu a cinzas uma fábrica que fazia roupas para a cadeia americana de supermercados **Walmart**, matando 122 trabalhadores, até então o maior acidente industrial já ocorrido em Bangladesh.

A **Confederação Sindical Internacional** reagiu com indignação ao fato cobrando das marcas mundiais da moda um plano de segurança no local de trabalho como o proposto pelos sindicatos em Bangladesh. A proposta foi apresentada para empresas como Wal-Mart, GAP e H&M em 2011. O plano foi apresentado quando do primeiro incêndio na fábrica Tazreen, e reapresentado no ano passado quando do segundo incêndio.

Sharan Burrow, secretária geral da CSI, declarou com indignação: “Estas grandes empresas continuam mostrando uma total indiferença e falta de piedade com a vida de milhares de homens e mulheres que trabalham duramente para seus contratistas e subcontratistas em Bangladesh. Nos meses seguintes à tragédia de Tazreen houveram dezenas mais de incêndios desse tipo e agora centenas de trabalhadores e trabalhadoras morreram na Praça Rana com o desmoronamento do edifício. Quantos mais homens e mulheres terão que sacrificar suas vidas para que as empresas consigam seus lucros antes que os grandes empresários do setor se interessem por sua situação?”.

O terceiro Homem mais rico do mundo

A revista Forbes divulgou recentemente a sua lista dos multibilionários do mundo. Apesar das muitas crises econômicas e desastres financeiros, ou por causa deles, aumentou o número de bilionários: segundo a Forbes existem hoje 1.426 bilionários

Amancio Ortega, o dono da Inditex e controlador da marca Zara é o terceiro homem mais rico do mundo. A revista calcula que Ortega tenha um patrimônio de 57 bilhões de euros.

O patrimônio de Ortega aumentou quase vinte milhões de dólares no ano passado, ano em que a Espanha, país sede da sua empresa, enfrentou um dos maiores índices de desemprego de mundo.

Uma prova que o crime compensa.

No Brasil, a campanha da **União Geral dos Trabalhadores (UGT)** e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo sobre a escravidão nas confecções das grandes marcas da moda denunciou diversas vezes a marca Zara pela utilização de trabalho escravo em suas oficinas.

A sua principal fornecedora, a empresa AHA, foi flagrada em suas fábricas ilegais em São Paulo e Americana, onde trabalhavam imigrantes bolivianos e peruanos submetidos a condições semelhantes à escravidão e uso de trabalho infantil.

Já no mês passado essas mesmas denúncias se repetiram na Argentina, quando foram encontrados trabalhadores bolivianos em condições de escravidão durante fiscalização realizada no final de março pela Agência Governamental de Controle (AGC) de Buenos Aires. Segundo as autoridades, eles estavam produzindo peças para a grife.

As condições dos trabalhadores eram as mesmas daqui: trabalho escravo, exploração de trabalho infantil. Os trabalhadores, adultos e crianças, viviam e trabalhavam nas oficinas, não podendo deixá-las por conta própria.

A Zara defende-se dizendo que tem 300 fornecedores na Argentina e que realizou auditorias de suas fabricas e práticas produtivas. Um **estudo recente da AFL-CIO** mostrou que essas auditorias são cosméticas e não informam a real situação dos trabalhadores. Para a central norte-americana só os sindicatos podem fazer essas auditorias de verdade.

Rotatividade no Comércio

Apresentação da rotatividade no comércio reúne federações, centrais e sindicatos em um único objetivo: os direitos do trabalhador. No dia 25 último, o **Sentracos (Secretariado Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços)** apresentou o seminário "Rotatividade no Comércio, Dados Setoriais e Diretrizes para a Ação Sindical", coordenado pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Participaram do evento **Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT)** e do **Sindicato dos Comerciários de São Paulo** - e toda sua diretoria, **Luis Carlos Motta, presidente da Federação de Comerciários de São Paulo**, além de presidentes e dirigentes de sindicatos e federações de todo o Brasil. "Esse encontro demonstra que estamos iniciando um movimento histórico de unidade", comentou Patah.



O objetivo foi, a partir dos dados de rotatividade apresentados pelo Dieese, debater e criar um plano de ações conjuntas para o enfrentamento dessa questão. "Muitas vezes, a rotatividade é usada como instrumento para reduzir custo e rebaixar salário" explicou **José Silvestre Prado de Oliveira**, coordenador de Relações Sindicais do Dieese.

"O comerciário tem hoje uma importância estratégica de sustentabilidade na economia nacional. No entanto, quadros inteiros de funcionários de empresas são trocados como se fossem mercadorias. A rotatividade é muita alta no setor. Só em São Paulo, fazemos 12 mil homologações por mês. Precisamos encontrar medidas para frear esse absurdo", disse **Patah**. "Juntos, somos fortes. Unidos e organizados, somos imbatíveis. O que for decidido no evento de hoje dará uma diretriz para todos os dirigentes do Brasil", finalizou **Luis Carlos Motta**.

Em memória das vítimas do trabalho

Por conta da celebração ao Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho a **União Geral dos Trabalhadores (UGT)** juntamente com CGTB, CTB, Nova Central, CUT e Força Sindical realizaram, na manhã desta sexta-feira (26), com concentração na Praça Ramos de Azevedo, uma caminhada pelas ruas do centro de São Paulo para exigir a ampliação das fiscalizações para melhorar as condições laborais.



Segundo Antonio Evanildo Rabelo Cabral, do do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, a classe trabalhadora está cada vez mais unida e cabe as centrais e sindicatos contribuírem para melhorar a fiscalização trabalhista, avançando na luta contra a ganância dos empregadores que, em benefício do lucro, sacrificam a saúde e a integridade física de milhares de trabalhadores e trabalhadoras. "Este não é um ato para festejar e sim para refletir sobre a saúde e segurança do trabalho".

A caminhada que inicialmente terminaria na Praça da Sé mudou seu percurso e a militância presente caminhou rumo à sede da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) onde, pela reivindicação de melhoria nas condições trabalhistas, o Sindicato da Construção Civil (Sintracon-SP) promoveu uma manifestação que recebeu apoio incondicional da militância ugetista e das entidades participantes do ato. *(Fábio Ramalho – UGT)*



O UGT Global é o Boletim de Informação Internacional da União Geral dos Trabalhadores.

A **UGT** é uma organização sindical constituída para defender os trabalhadores brasileiros através de um movimento sindical amplo, cidadão, ético, solidário, independente, democrático e inovador.

Diretor de Comunicação: Marcos Afonso de Oliveira – MTb 62.224/SP

Jornalista Responsável: Mauro Ramos